

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A construção jornalística da “verdade”:
Análise das coberturas da *Folha de São Paulo* e do *El Universal*
sobre o câncer do presidente venezuelano Hugo Chávez.

Juiz de Fora
Outubro de 2012
Priscilla Campos Thevenet Amaral

A construção jornalística da “verdade”:
Análise das coberturas da *Folha de São Paulo* e do *El Universal*
sobre o câncer do presidente venezuelano Hugo Chávez.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Bacharel em Comunicação Social
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal

Juiz de Fora
outubro de 2012
Priscilla Campos Thevenet Amaral

A construção jornalística da “verdade”:
Análise das coberturas da *Folha de São Paulo* e do *El Universal*
sobre o câncer do presidente venezuelano Hugo Chávez.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
em 21/10/2012 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (UFJF) - Orientador

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (UFJF) - Convidado

Prof. Ms. Ricardo Bedendo (UFJF) – Convidado

Conceito Obtido: _____

Juiz de Fora
outubro de 2012

Dedico esse trabalho a minha querida família
que sempre acreditou em mim, em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por permitir que realizasse esse trabalho com muito comprometimento e sabedoria. Aos meus pais Vânia e Marcus, por proporcionarem a mim uma educação de qualidade e a chance de realizar o sonho de me formar na profissão de jornalista. As minhas irmãs Patrícia e Paula pela amizade e companheirismo. Ao meu orientador Paulo Roberto pela sabedoria e paciência.

Aos meus professores Márcio Guerra e Ricardo Bedendo por compartilharem comigo suas experiências e aprendizado. A todos os autores referenciados nessa monografia, pois sem o auxílio deles, não possuiria bagagem intelectual para concluir meu estudo.

Ao meu namorado, João Daniel pelo carinho e apoio. Aos meus amigos por compartilharem comigo momentos inesquecíveis. Por fim, agradeço a todos que de alguma forma acrescentaram algo durante a elaboração dessa pesquisa.

“A imagem do presidente venezuelano na imprensa, muitas vezes entendido apenas nas entrelinhas, não é resultado de um posicionamento gratuito sobre a sua figura. É fruto da imagem que o próprio Chávez criou.”
(Bündchen, Isabel Cristina Fleck, 2008)

Resumo

Um presidente que trava uma luta diária com a imprensa: Chávez precisa da imprensa para se fazer presente na vida dos venezuelanos, mas ao mesmo tempo trata (e é tratado) como adversário por alguns dos principais meios de comunicação de seu país e do mundo. Nessa relação de amor e ódio, um tema de fora das questões políticas clássicas colocou Chávez novamente sob os holofotes midiáticos: o câncer enfrentado pelo presidente tornou-se pauta nos veículos venezuelanos e também na imprensa mundial. A presente monografia busca apresentar os enquadramentos jornalísticos utilizados pelo brasileiro *Folha de São Paulo* e pelo venezuelano *El Universal*, em perspectiva comparada, nas coberturas realizadas ao longo da primeira semana depois do anúncio da doença.

Palavras-chave: *Folha de São Paulo*, *El Universal*, Hugo Chávez, enquadramento jornalístico.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 BASES DO JORNALISMO:ALGUMAS TEORIAS E FÓRMULAS.....	11
2.1 <i>NEWSMAKING</i> :VALORESNOTÍCIA.....	12
2.2 AS <i>ROUTINES</i> PRODUTIVAS.....	15
3 CHÁVEZ VERSUS IMPRENSA	18
3.1 ASCENSÃO POLÍTICA.....	19
3.2 O CÂNCER	23
4 ANÁLISE COMPARATIVA DOS JORNAIS <i>FOLHA DE SÃO PAULO</i> E <i>EL</i>	
<i>UNIVERSAL</i>.....	27
4.1 JORNAIS CONTRASTADOS: <i>FOLHA DE SÃO PAULO</i> VERSUS <i>EL UNIVERSAL</i>	
.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6 REFEFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
7 ANEXOS.....	40

1. INTRODUÇÃO

Um homem sobre o qual muitas distintas versões foram produzidas nos relatos midiáticos, uma figura cuja ambiguidade e mitificação é motivo de discussões e curiosidade por toda a imprensa: Hugo Chávez se tornou um dos políticos mais controversos da América Latina no final do século XX e início do século XXI. Desde o princípio dos anos 1990, quando liderou uma tentativa frustrada de golpe de estado, passando por sua chegada ao poder (implementando aquilo que ele próprio designou como “socialismo do século XXI”, todas as rusgas com os EUA, a grande amizade com Fidel Castro, dentre muitas outras questões), já se vão vinte anos de grande interesse jornalístico, na Venezuela e no mundo, sobre Hugo Chávez.

Mas em 2011, o mundo prestou atenção em outro Hugo Chávez. Não se tratava mais apenas do presidente venezuelano, às vésperas de disputar (e vencer, como ocorreu no último dia 7 de outubro de 2012) mais uma eleição. Tratava-se de um homem que anunciou sua luta contra um câncer e admitiu sua fragilidade. A maioria dos veículos de comunicação mundiais acompanhou o caso, dando grande espaço ao assunto. No presente trabalho, busca-se analisar os enquadramentos jornalísticos escolhidos por dois jornais (o brasileiro *Folha de São Paulo* e o venezuelano *El Universal*) para tratar do assunto.

Ambos foram escolhidos devido a sua grande tiragem, influência e importância no cenário da comunicação internacional. Esses dois jornais de tradição possuem suas políticas e linhas editoriais bem estruturadas e nítidas, aos olhos dos leitores mais atentos – sem dúvidas, ambos têm historicamente, no que diz respeito a posições políticas, uma postura mais crítica a Chávez. Contudo, como se comportaram nas coberturas sobre a doença do venezuelano? Tiveram, mesmo nessa questão de drama pessoal, uma abordagem crítica? Apresentaram convergências ou divergências entre si?

Responder a essas questões é o objetivo dessa monografia. Mas, para tanto, é necessário antes compreender que a cobertura realizada por esses dois jornais deve ser observada em diálogo com algumas teorias e postulados da comunicação. O fazer jornalístico desde seu início foi construído encima de “tradições” que nortearam os caminhos dos jornalistas e o fazer jornalístico. Sobretudo por meio do conceito de *enquadramento* buscaremos apontar como cada um dos veículos se comportou ao tratar da doença de Chávez.

O jornalismo nos fornece uma enciclopédia de mundo. São diferentes visões, diferentes versões, diferentes parâmetros. Ao longo principalmente do século XX estudiosos criaram teorias e hipóteses para permear o fazer jornalístico, que podem ser observadas até hoje. Por meio dessas abordagens conceituais, podemos compreender melhor políticas e linhas editoriais de veículos específicos, deduzindo de forma mais razoável por que determinados jornais se pautarem e se posicionarem de determinada forma.

Por isso, no primeiro capítulo apresentaremos um vôo panorâmico de algumas das principais teorias do jornalismo, até chegarmos àquelas que melhor se aplicam para entendermos a cobertura realizada por esses dois jornais. Ao entender melhor essas teorias será possível responder as perguntas centrais do trabalho, iluminando as evidências textuais que apontam eventuais diferenças ou semelhanças nas coberturas.

Deve-se ressaltar que o câncer de um presidente se encaixa perfeitamente nos principais quesitos relacionados aos critérios de noticiabilidade (ou seja, o valor de determinado fato como notícia) – portanto, certamente o debate teve destaque suficiente em ambos os jornais, de modo a oferecer subsídios suficientes para a análise.

O segundo capítulo busca historiar a relação de amor e ódio de Chávez versus imprensa, numa relação que foi norteadada pela polêmica. Para conseguir entender esse relacionamento é preciso conhecer melhor os relatos sobre esse homem, e mais ainda

sua trajetória até a presidência do país. O capítulo oferece um breve resumo da carreira política de Chávez, e assim traçamos de forma mais contextualizada o histórico da relação Chávez/imprensa.

O terceiro capítulo compara as matérias divulgadas pelo *El Universal* e pela *Folha de São Paulo*. As matérias serão pormenorizadas e explicadas em seu conteúdo. Supõe-se que as políticas editoriais dos dois jornais podem ser, ao menos parcialmente, subentendidas por meio dessas coberturas. Pretende-se apontar qual foi a angulação dada ao tema, em perspectiva comparativa.

O objetivo central é entender como foi feita a construção de um certo sentido social para Chávez, no contexto de suas lutas políticas e de seus dilemas pessoais, por meio dos enquadramentos jornalísticos utilizados na cobertura realizada na primeira semana depois da divulgação da doença do presidente.

2. BASES DO JORNALISMO: ALGUMAS TEORIAS E FÓRMULAS

Apesar da grande força que a TV continua tendo hoje, da capilaridade do rádio ou do sistemático avanço da Internet, os jornais impressos ainda exercem grande influência na forma como importantes segmentos da sociedade observam os fatos e constroem sua opinião. Os jornais diários fornecem uma cobertura regular e constante dos fatos, e com a ajuda de seus portais virtuais essa cobertura é ainda mais abrangente.

Assim seus leitores fiéis, ou até mesmo ocasionais, podem acompanhar determinado acontecimento, do início, alcançando seus desdobramentos, até sua conclusão (quando se atinge a saturação de determinado assunto). É claro que a imprensa age movida não só por interesses noticiosos, mas também por interesses econômicos e políticos, além das consequências de sua *routine* produtiva (termo que será explicado nesse capítulo).

Muito mais do que informar move a imprensa. Todo o veículo de comunicação é ligado a uma política e uma linha editorial, que para olhos leigos, muitas vezes não é clara. Ao analisarmos mais profundamente determinados meios, observamos suas predileções e posicionamentos.

Jornais como o nacional *Folha de São Paulo* e o venezuelano *El Universal* (objetos de análise da presente monografia) são bons exemplos disso. Fundado em 1909, o *El Universal* foi se modificando durante os anos até chegar na versão atual, concebida no ano 2000. A *Folha de São Paulo* foi fundada em 1921, como um jornal voltado para a classe média urbana: hoje em dia é um dos jornais de maior circulação no país. Dois veículos com grande alcance dentro de seus respectivos países e que também possuem páginas online com alcance global.

Uma análise desses veículos implica, antes, discutir as bases teóricas que permitem afirmar que qualquer abordagem jornalística merece ser objeto de reflexão. Como os veículos constroem relatos sobre a realidade? Que representação dos fatos é escolhida como foco narrativo? Para tratar dessas questões, é preciso historiar como, ao longo do tempo, distintas vertentes teóricas focaram o jornalismo.

A especificidade do jornalismo como objeto de pesquisa sempre foi amplamente discutida por estudiosos nos meios acadêmicos. A discussão sobre os caminhos trilhados pela imprensa sempre foi razão de pesquisas e análises. São diversos os paradigmas e contextos em que o jornalismo foi compreendido.

Essas teorias nos ajudam a compreender possíveis angulações dos meios de comunicação, culminando com aquele conceito que será aqui utilizado: o de enquadramento. Teorias anteriores – como aquelas relacionadas aos mecanismos de *newsmaking*, incluindo debates sobre rotinas produtivas, com seus respectivos processos de seleção e edição – foram construídas ao longo dos anos, e revisitá-las permite situar melhor o escopo da reflexão que será aqui realizada.

2.1 NEWSMAKING: VALORES NOTÍCIA

Definindo a noticiabilidade como o conjunto de fatores que os órgãos informativos usam para eleger a notícia como relevante de divulgação ou não, podemos tratar os valores notícia como componentes da noticiabilidade.

Os valores notícia são os critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção; isto é não estão presentes apenas na seleção das notícias, eles participam também nas operações posteriores, embora com uma importância diferente.

Os valores notícia são portanto regras práticas que abrangem um corpus de conhecimentos profissionais que implicitamente e muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operacionais redatoriais. Os valores notícia são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. (GOLDING e ELLIOTT, 1979,114)

O processo de seleção das notícias é feito de forma rápida. Os fatos escolhidos para divulgação devem possuir estrutura comparativa. Se houver algum desdobramento é necessário que o meio tenha material para divulgar, para haver um abastecimento de notícias. Mas é claro que, para as empresas, o ideal é que isso seja feito com o mínimo de dispêndio de tempo, esforço e dinheiro.

Com o passar dos anos e com a evolução do jornalismo, os valores notícia não permanecem sempre os mesmos, apesar de apresentarem uma certa homogeneidade. Os assuntos mudam e o que antigamente não era considerado relevante agora toma outra dimensão. Afinal a imprensa reflete a realidade social, que, por sua vez, também absorve valores da imprensa.

Entre outros fatores, devem ser levados em consideração o conteúdo da notícia, a questão econômica, a disponibilidade do material, o público e a concorrência. Alguns critérios são sempre considerados na hora de um fato se tornar notícia: o grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável. “Para ser noticiável, o acontecimento deve ser significativo, isto é suscetível de ser interpretado no contexto cultural do ouvinte ou do leitor.” (GALTANG e RUGE, 1965,119)

Outro critério que deve ser levado em conta é a relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução de uma determinada situação. Um caso como esse, não mexe apenas com o futuro de uma nação, mas com o futuro de diversas políticas, coalizões e parcerias internacionais, seja em grau político, econômico e social.

Quando se trata do produto jornalístico um critério sempre é recorrente o acontecimento deve ser acessível ao jornalista, ou seja, é necessário que o material esteja em disponível para o profissional.

Constitui notícia aquilo que altera a rotina as aparências normais. Quanto mais negativo, nas suas conseqüências é um acontecimento, mais probabilidade tem de se transformar em notícia (GALTUNG e RUGE, 1965,119)

Um dos aspectos mais fundamentais do jornalismo é que quanto mais sangrento e bizarro o evento maior seu valor/notícia. E isso reflete o fato de que as pessoas vão se interessar mais pelo incomum e pelo impressionante. Os jornais evitam repetições e similaridades entre notícias, contudo em casos como o de doenças ou tragédias naturais é necessário um acompanhamento e o desdobramento é pedido pelos consumidores.

Apesar de o jornalismo, em seu início, ser contra a repetição, no final do século XX surge um fenômeno que é visto até os dias de hoje e que colabora em muito para a “standartização” de uma notícia, ou seja torná-la o centro do conteúdo de determinado veículo de comunicação. Á esse fenômeno deu-se o nome de mimetismo midiático.

Diversas teorias estudam o comportamento do jornalismo. Mas alguns estudiosos analisaram o comportamento da audiência. E a relação imprensa/público.

Por um lado, os jornalistas conhecem pouco o seu público; mesmo que os órgãos de informação promovam pesquisas sobre características da audiência, os seus hábitos e as suas preferências, os jornalistas raramente as conhecem e pouco desejam fazê-lo. O seu dever é apresentar programas informativos, não é satisfazer um público; quanto menos se debruçarem sobre o público, mais atenção podem dar ás notícias.(GANS, 1970, p 85)

Um fato muito observado é que atualmente o jornalismo busca suprir as necessidades do público. E o público é ávido por temas polêmicos e humanizados, como tragédias e mortes. A mídia atua dando uma alimentação retroativa ao sistema, ou seja o público produz drama e a mídia o reabastece com relatos desse drama. Mas, além das

escolhas de conteúdo a ser publicado, dimensões relativas ao próprio processo de estruturação dos veículos, em suas atividades cotidianas, devem ser levadas em conta.

2.2 AS *ROUTINES* PRODUTIVAS

Essas rotinas estão associadas a três elementos: ao recolhimento, à seleção e à apresentação. No processo de recolhimento, observamos que além do jornalista ir atrás das notícias, as notícias procuram o jornalista. Podemos observar um grande uso de informações de agências de notícias e de fontes institucionais. Como os veículos não podem estar espalhados por todo o mundo, o uso desses artifícios é uma importante chave para o abastecimento das notícias.

Essa fase de recolha é fundamental para se ter um fluxo constante e seguro de notícias, de modo a sempre conseguir o produto exigido. As fontes são um fator determinante nessa recolha e para a qualidade da informação produzida pelo *mass media*. As fontes não são todas iguais e todas igualmente relevantes, assim como o acesso a elas e o seu acesso aos jornalistas não está uniformemente distribuído.

Aqueles que detém o poder econômico ou político podem facilmente, ter acesso aos jornalistas a são acessíveis a este, aqueles que não tem qualquer poder, mais dificilmente se transforma em fontes e não são produtivas pelos jornalistas até as suas ações produzirem efeitos noticiáveis enquanto moral ou socialmente negativos.(GANS, 1979, 81)

Alguns fatores são importantes na escolha de uma fonte, como a credibilidade, a garantia e a respeitabilidade. É uma série de qualidades que promovem a hierarquização das fontes. As agências de notícia fornecem um papel ímpar no ciclo produtivo. Um dos fatores mais importantes referentes às agências de notícia é que elas têm a capacidade de alertar as redações sobre tudo que acontece no mundo e a partir desse conhecimento cada veículo poder construir a sua própria cobertura.

Já na fase de seleção, não se pode descrevê-la apenas como uma escolha subjetiva do jornalista. É necessário vê-la como um processo complexo, que se desenrola ao longo de todo o ciclo de trabalho, realizado a instâncias diferentes – desde as fontes até ao simples redator - e com modificações que não são todas imediatamente imputáveis à necessidade direta de escolher as notícias a transmitir.

A fase de preparação e apresentação dos acontecimentos dentro do formato e da duração dos noticiários consiste, precisamente, em anular os efeitos das limitações provocadas pela organização produtiva, para (pelo menos em tese) restituir à informação o seu aspecto de veracidade, independentemente do órgão informativo. Em outras palavras, é a recontextualização dos acontecimentos no quadro das escolhas de determinada mídia.

Por fim, o *editing* tem como objetivo fornecer uma representação sintética, necessariamente breve, visualmente coerente e possivelmente significativa do objeto da notícia. O processo de noticiabilidade aparece sempre como fator recorrente de estudo de grandes pensadores do jornalismo e dos multimeios. Por isso alguns fatos devem ser observados e frisados ao se tratar desse conceito.

A relevância de um acontecimento é individual e avaliada a partir do ponto de vista organizacional dos meios de comunicação; Os valores/notícia não são ativados um a um mas em “grupo” e segundo hierarquias que podem mudar;

Tal como no uso das fontes, na edição funcionam igualmente múltiplos critérios práticos e flexíveis. A composição dos noticiários em si é uma espécie de compromisso entre elementos pré definidos (agenda de serviço) e elementos imprevisíveis; as modificações das notícias são avaliadas na sua factibilidade em relação a critérios opostos entre si (importância do acontecimento versus custo da operação de

modificação); a rigidez da organização do trabalho é atenuada pela tendência para receptividade aos acontecimentos imprevistos, à atualização das notícias.

Essas características permitem que possamos perceber como a noticiabilidade tem caráter dinâmico e elástico. Ela muda conforme as exigências do público e dos jornalistas.

Essas teorias brevemente analisadas nos mostram as características subjetivas do jornalismo. Desde os primórdios do jornalismo, há uma dicotomia presente entre as várias abordagens. Mas um fato é certo: todo o jornalismo foi consolidado através de interesses que vão além das redações.

Ao ser analisada a cobertura feita pela *Folha de São Paulo* e pelo *El Universal* sobre a doença de Hugo Chávez, é notável que todas as teorias supracitadas são fundamentais para a compreensão de como foram feitas escolhas editoriais. Através do entendimento dessas teorias, percebe-se como a doença de Chávez foi alvo dessa hierarquização.

A abordagem sociológica dada a esse assunto coloca no centro das atenções a estrutura social de um país, o sistema de poder e modelos de valores. Todos esses fatores são discutidos, mesmo que subliminarmente, nos dois jornais. O enquadramento dado ao fato pelos dois jornais é diferente? Para chegar a essa resposta especificamente, é preciso antes descrever o personagem em questão e sua relação com a imprensa.

3. CHÁVEZ VERSUS IMPRENSA

Hugo Chávez Frias nasceu em 28 de julho de 1954. Filho de professores, Chávez trilhou uma carreira no exército desde os seus 17 anos. Desde cedo Hugo era fã de beisebol, um dos esportes mais queridos por venezuelanos e cubanos e curiosamente um esporte norte-americano. Era também um grande interessado por ciências políticas, tendo até mesmo se graduado na área. Para compreender a relação de Chávez com a imprensa é necessário também compreender como ele trilhou o caminho até a presidência do país.

Segundo seus professores da Academia militar, sua competência militar era incontestável, e seus dons para oratória eram inigualáveis. Chávez começou a chamar atenção de populares em 1992, quando sua tentativa de golpe foi frustrada. O objetivo do golpe era deter o presidente Carlos Andrés Pérez e prender o alto comando das forças armadas no país.

Um ponto interessante que se deve atentar sobre essa tentativa de golpe foi que os militares contaram com a ajuda de civis. Sua maior ousadia foi também seu maior engano. O próprio presidente anos mais tarde confessou que os civis não se apresentaram próximo ao palácio de Miraflores, sede oficial do governo venezuelano, situado na capital Caracas, como havia sido previamente planejado e arquitetado. Sem o controle da capital, o levante obviamente não se espalharia por todo o país.

Apesar das conseqüências aparentemente frustradas do golpe, uma oportunidade ímpar surgiu e foi pedida por Chávez: a possibilidade de se pronunciar durante um minuto em fala à TV. A intenção era fazer com que os militares que tinham tomado algumas bases militares pelo país se rendessem pacificamente.

Antes de mais nada quero dizer bom dia a todo povo da Venezuela, mas esta mensagem bolivariana é dirigida especificamente aos valentes soldados do regimento de para-quedistas de Aragua e ao regimento dos tanques de Valencia. Companheiros: infelizmente, no momento, os objetivos que nos propusemos não puderam ser atingidos na capital...os que estávamos em Caracas não pudemos tomar o poder. Aí onde vocês estão trabalharam bem, mas agora é tempo de refletir; novas oportunidades surgirão e o país terá a oportunidade de avançar definitivamente para um futuro melhor. Assim, pois, ouçam o que eu tenho a dizer, ouçam o comandante Chávez que lhes envia a mensagem, e por favor pensem bem. Baixem as armas pois é certo que os objetivos que nos havíamos proposto em nível nacional não estão a nosso alcance. Companheiros, ouçam esta mensagem de solidariedade. Agradeço sua lealdade, sua coragem e sua generosidade desinteressada; diante do país e diante de vocês mesmos, assumo pessoalmente a esse levante militar. Obrigado. (Pronunciamento para a TV – Hugo Chávez, 1992)

Com esse um minuto de fala, Hugo conseguiu passar de militar desconhecido a herói nacional e incutiu na cabeça de grande parte da população um feixe de esperança. O povo acreditou ali que poderia acontecer novamente um novo golpe e pela primeira vez na história da política venezuelana um político pediu desculpas por algum ato. Chávez, além de pedir desculpas, assumiu a culpa pelo golpe. Culpa que ele pagaria durante o tempo que ficou preso na prisão de Yare e San Carlos.

3.1 ASCENSÃO POLÍTICA

Chávez foi solto em 1994, e ao sair da prisão já começou a pensar no seu futuro político. Ele focou em tornar público os dois pontos mais importantes de sua agenda política: a necessidade de dissolver o congresso e a necessidade de convocar uma assembléia constituinte para redigir uma nova constituição. Em 1998, ano da eleição, no mês de julho, ele já contava com 45% nas pesquisas de intenção de voto. À medida que o apoio dos partidos políticos foi se tornando mais unitário e firme, era cada vez mais evidente a impopularidade dos velhos partidos. Os velhos “caciques” estavam perdendo força, enquanto Chávez só alcançava mais popularidade.

Nas eleições de dezembro Hugo alcançou 56,2% dos votos. O velho sistema jazia em ruínas: em apenas quatro anos, desde que foi solto, ele se tornou uma das personalidades mais fortes na Venezuela.

Chávez nunca escondeu sua admiração por figuras como a do então presidente cubano Fidel Castro e um dos mais famosos libertadores da história do século XVIII, Simon Bolívar. Dois personagens importantes na história da luta contra a dominação estrangeira e defensores veementes do nacionalismo. Hugo não foi diferente e implantou durante todos esses anos de governo, políticas que procuravam, em sua concepção, defender os interesses nacionais.

Políticas consideradas, por muitas escolas neoliberais um tanto antiquadas e ultrapassadas. O jornalista e escritor britânico Richard Gott caracterizou Chávez como “um homem sério e inteligente, possuidor de imenso carisma. É um presidente eleito, e não um ditador militar.” (Hugo Chávez and the Bolivarian Revolution, 2005) A figura de Chávez é notavelmente emblemática, e quando se trata de uma descrição, é quase impossível traçar um retrato fiel do que realmente ele é e do que ele quer passar para o povo venezuelano.

Como foi percebido no discurso supracitado, Chávez soube usar muito bem a imprensa e com isso alcançou dois objetivos. Um deles, direto: impedir que o golpe ferisse mais militares; o outro, indireto: se tornar conhecido do grande público.

Quando foi eleito, em 1998, o presidente Hugo Chávez viveu um curto período de lua-de-mel com a mídia do seu país. Em seu primeiro ministério chegou a contar com jornalistas dos meios privados que, tempos depois, seriam seus adversários ferozes.

Contudo o que se percebe desde então é uma relação ambígua entre imprensa e o presidente. Chávez faz uso da imprensa para seus fins, como por exemplo, seu pronunciamento diário à TV venezuelana.

A relação entre políticos e meios de comunicação é uma relação de auto-alimentação, ou seja, os políticos alimentam os meios com suas informações e os meios vendem a informação aos consumidores. Contudo deve-se frisar que nem sempre essa informação é dada de bom grado.

No caso do presidente venezuelano, ele usa a TV para divulgar feitos do governo, para alertar sobre alguns “perigos” ou simplesmente para ser uma figura presente no cotidiano de seus compatriotas. Que o enxergam, de acordo com a jornalista Marta Harneck, como um “homem do povo”(América Latina, izquierda y crisis actual:Izquierda y crisis actual,1990)

Mas quando essa relação começa a ficar balançada? Como um homem que gosta tanto de usar a retórica pode, muitas vezes, reprimir o livre exercício da imprensa? Ou será que ele está em seu livre direito, como presidente, de estipular o que pode ou não ser publicado?

Questões delicadas quando se trata de um homem como Chávez. De acordo com o psiquiatra americano Jerrold Post em seu livro *Sonhos de Glória*, se seu comportamento for analisado mais a fundo é possível notar características de um homem narcisista. Que gosta de estar sempre em evidência e de ser o centro das discussões. Um dos traços mais marcantes de políticos, não só na atualidade, e poderíamos dizer que não é um traço só de políticos, mas do ser humano de forma geral, é não gostar de ser desmentido ou até mesmo ridicularizado.

Com a liberdade de imprensa e o livre acesso a comunicação, a informação é globalizada, e uma foto ou um artigo postado num site de uma pequena cidade, como

Maracay, interior da Venezuela, pode ser acessado por um grande empresário de Nova York. Ou seja, se cai na rede, seja internet, televisão ou impresso, as tentativas de abafar são quase que impossíveis.

Um país como a Venezuela, que viveu seu auge nos anos 70, e atualmente sofre com a pobreza do povo e com a falta da modernização de alguns setores da sociedade e da indústria, mesmo com essa situação precária, pode então ter restrição a informação? A resposta é não.

O que podemos notar são os esforços do governo para fechar rádios, jornais, revistas e redes de televisão que de alguma forma se opõe ao regime e que criticam veementemente não só a governabilidade da atual gestão, mas também a figura do presidente.

O clima de tensão entre o governo e os meios foi crescendo até atingir seu ápice em abril de 2002, quando militares, empresariado, mídia e sindicatos conseguiram tirar o presidente do poder por 48 horas.

Especialistas, jornalistas e políticos dos dois lados foram à época, unânimes em afirmar que o plebiscito revocatório de 2004, convocado pela oposição e vencido por Chávez, levou a uma mudança de posição de alguns veículos, que amenizaram os ataques ao perceberem que o fenômeno Chávez não era passageiro.

Mesmo com esse fato, podemos notar uma tendência grande em ridicularizar o presidente, seja por fotos constrangedoras ou por textos agressivos. No exterior esse panorama não é diferente. O que notamos de forma expressiva é uma grande ojeriza ao presidente Hugo Chávez.

Diversos países, principalmente os que defendem a liberdade de expressão acima de tudo e o neoliberalismo, consideram o regime chavista uma ditadura opressiva e ultrapassada, que não permite que a Venezuela cresça.

A questão é: será que a imprensa combate o homem ou seus planos como governante? Chávez faz de tudo para impedir que a imprensa local se manifeste contra seu governo. Por isso ele tem polícias secretas, que investigam jornalistas e fontes. São formas de amedrontar os veículos que tem uma política editorial anti-chavista.

Estudiosos afirmam que é um erro tratar a imprensa como inimiga, quando o mais sensato seria tratá-la como aliada. Carreiras políticas podem ser destruídas por “furos” midiáticos e escândalos. O dever da imprensa é vigiar os políticos e ser os olhos dos cidadãos nos três poderes. Uma das características do jornalismo é pesar o valor de noticiabilidade do evento. Mas há dilemas: como se deve fazer a cobertura de uma crise pessoal (como o câncer) de um inimigo político dos veículos de comunicação?

3.2 O CÂNCER

Com a doença do presidente não foi diferente. Como se trata de um presidente, o espaço dado ao tema foi grande. Principalmente quando se trata dos desdobramentos e do afastamento dele. Toda a imprensa ficou extasiada. O que será da Venezuela se Chávez morrer? Quem o sucederá? Perguntas que assombravam também o presidente, que se viu afastado por alguns dias do exercício do cargo.

Para a imprensa, Chávez só divulgava sua melhora e sua certeza de continuidade no cargo. Já a maioria dos meios especulava com outras fontes não oficiais, sobre os bastidores do poder. Chávez percebeu que com sua doença ele não poderia reprimir, como sempre fazia, o fluxo de informações. A população estava curiosa para saber o destino do país, o mundo queria saber os rumos da Venezuela e os chavistas queriam acompanhar o estado de saúde de seu presidente.

Chávez , também devido ao seu estado de saúde frágil, não foi tão duro ao retalhar notícias falsas, especulativas ou corretas mas secretas. Ele usou pela primeira vez da posição de vítima.

Na Venezuela foi uma posição propícia. Grande parte da população se solidarizou pela sua condição. Contudo no resto do mundo, as notícias sempre traziam uma visão mais fria e menos fraterna do tema.

Observa-se que a mídia local ampara-se também, no apoio da mídia internacional pautada pelas agências norte-americanas e inglesas, que trazem consigo interesses políticos e econômicos, divergentes ao do governo bolivariano de Chávez. A imprensa internacional não cobriu os fatos com isenção. Durante o Golpe de Estado, a Rede CNN, deu espaço para Pedro Carmona, “presidente”, durante a ausência de Chávez, que estava foragido do Palácio Miraflores, para que falasse sobre o golpe e o governo naquele momento. No Brasil o golpe sequer existiu, nenhum canal e nenhum repórter ou apresentador criticou o ocorrido.

Em 2010 a relação entre Chávez e as imprensas local e internacional continuaram tensas. Não faltavam declarações de que o presidente criava um cenário de Ditadura e autoritarismo no país. Seis canais de televisão, incluindo a RCTV (de linha crítica à gestão de Hugo Chávez), foram retiradas do ar, segundo a Conatel – Comissão Nacional de Telecomunicações, por não transmitirem atos do presidente Hugo Chávez, que estaria embasada na Lei de Responsabilidade Social em Rádio e Televisão, bem como com a construção da República Bolivariana.

Chávez, nato comunicador, sabe da importância dos meios de comunicação, utiliza dos meios estatais e privados para continuar sua revolução e abusa de seu poder executivo para podar a liberdade da imprensa local. A relação entre Chávez e a mídia

acaba por cercear os direitos do cidadão comum, que por um lado perde a oportunidade de ter a informação imparcial e completa, e por outro é manipulada pelos donos dos meios de comunicação, que são grandes empresários que divergem do governo bolivariano.

É notável que os cidadãos venezuelanos, como as demais populações mundiais, não contam com um material livre de qualquer política ou linha editorial. Sempre haverá uma intenção por detrás de determinada informação. Chávez nota isso. E como exímio político tenta estipular o que pode ou não pode ser divulgado sobre seu governo e a forma como determinado fato deve ser transmitido.

Na Venezuela esse cerceamento pode ser mais fácil, contudo no resto do mundo observamos uma realidade bem diferente. Os meios de comunicação são duros e muito críticos ao se falar do líder venezuelano. E foram implacáveis mesmo com sua doença.

Chávez faz de tudo para demonstrar despreendimento ao tratar a imprensa. No entanto, quando ela fere de alguma forma a imagem de seu governo ou de sua postura como figura pública ele retalia de forma direta. Sem medo de reprovações. Como em 2009, quando ele fechou diversas redes de rádio.

O fato é que Chávez tem sua culpa, mas a imprensa também não é inocente em sua relação com o político. Enquanto o presidente insiste em tentar manipular os meios de comunicação, a imprensa o ataca, muitas vezes de forma vulgar e desonesta. Muitas vezes tratando suas problemáticas de maneira sensacionalista.

Com as agências de notícia, o mimetismo midiático se torna cada vez mais forte e recorrente. Essa repetição de “meias verdades” tem a capacidade de suprimir uma identidade ou, por que não dizer, construir uma face para qualquer personagem público.

Ou seja, a mídia pode dar-lhe um nome, uma vida, uma história, uma atitude, uma trajetória e escolhas que não necessariamente correspondem à realidade de fato.

O ideal é entender Chávez como um homem maior do que o que é publicado. Ele deve ser pormenorizado, e não diminuído a mais um “ditador latino americano”. Chávez não é Fidel. Não é Bolívar. Chávez é Chávez e já deixou claro, nos seus 14 anos de governo, que não vai mudar.

4. ANÁLISE COMPARATIVA DOS JORNAIS *FOLHA DE SÃO PAULO* E *EL UNIVERSAL*

No dia 30 de junho de 2011, o presidente da Venezuela Hugo Chávez divulgou oficialmente sua doença. Um câncer situado na região pélvica. Muitas foram as matérias divulgadas ao redor do mundo. Neste trabalho, serão analisadas matérias de dois jornais: o venezuelano *El Universal* e o brasileiro *Folha de São Paulo*.

Ambos são jornais de renome internacional e de grandes tiragens, com conteúdos disponibilizados também na internet, em seus respectivos portais. O período analisado foi do dia 30 de junho até o dia 7 de julho. Aqui as matérias serão descritas separadamente e depois as coberturas contrastadas.

Folha de São Paulo 30/06/2011

No primeiro dia, foram publicadas duas matérias. A primeira foi divulgada no portal da folha na parte da manhã, intitulada de “ausência de Chávez põe em risco governabilidade, dizem analistas”. Nessa matéria a *Folha* ouve um sociólogo sobre os perigos do afastamento do presidente de suas funções. Analisa-se criticamente a saída de Chávez, desde seu estado de saúde desconhecido até a situação de fragilidade em que os governos locais se encontravam. “Essa fragilidade pode afetar a governabilidade a médio e longo prazo, porque é o presidente quem põe em ordem os desajustes do governo causados pela manifestação de diferentes correntes” afirma fonte ouvida pelo jornal.

A segunda matéria, intitulada “Chávez aparece na TV e diz que foi diagnosticado com câncer”, também divulgada no site, foi a respeito do anúncio de sua doença. O site traz citações da declaração do presidente. Mas dá mais enfoque nas questões que envolvem o possível afastamento do presidente para um tratamento e as

questões políticas de uma possível sucessão presidencial. No dia 30, nenhuma matéria sobre a doença saiu no jornal impresso.

Folha de São Paulo 01/07/2011

O jornal impresso publicou uma matéria com o seguinte título “Chávez anuncia na TV que tem câncer”. O jornal traz o desdobramento do que foi publicado no dia anterior. Recorta alguns trechos do pronunciamento e faz uma análise mais aprofundada sobre os rumos da política na Venezuela. Faz alusão em vários momentos a possíveis sucessores e quais partidos poderiam assumir o governo. Além, disso diz o que mudaria no mundo, se a Venezuela mudasse de presidente. Eles procuram dar voz a especialistas, como cientistas políticos, colhendo opiniões sobre esse fato. Opiniões que convergem no enquadramento jornalístico relativo a como seria a Venezuela sem Chávez.

Folha de São Paulo 02/07/2011

A *Folha* traz uma matéria de página inteira, desdobrada em duas matérias diferentes. Uma intitulada “Chávez volta em até 6 meses, afirma vice” e outra com o título “Brasil teme resultados de vácuo no poder na Venezuela”. Na primeira matéria, a foto é mais emblemática do que a matéria em si. Uma mulher repintando uma imagem de Chávez, pintada num muro em Caracas. O texto fala sobre a posição do vice, afirmando que a volta de Chávez é certa e que em alguns meses ele assume novamente suas atribuições. E que não haverá licenciamento.

Em toda a sua fala, o vice-presidente é claro sobre a estabilidade do governo e sobre como a ausência de Chávez não fragiliza o Estado. A *Folha* traz um rápido

panorama da situação venezuelana, e tenta mostrar ao leitor o que representa o afastamento de Chávez.

A segunda matéria aborda mais a política Brasil - Venezuela. O jornal afirma que o Brasil está preocupado com o que pode acontecer se Chávez sair de licença. Afinal a Venezuela possui diversos acordos com o Brasil e a estabilidade da América latina também estaria em jogo, caso um golpe acontecesse.

Folha de São Paulo 03/07/2011

Matéria de capa inteira traz novamente dois desdobramentos intitulados “Câncer de Chávez agrava caos venezuelano” e “crise evidencia amadorismo de governistas e da oposição”. Na primeira, mostra-se o caos vivido pelos venezuelanos em diferentes áreas da sociedade – algo que, segundo jornal, não podia ser “mascarado” pelo presidente, que se encontrava em Cuba, tratando o câncer.

O texto sustenta que a Venezuela passava por problemas graves, como, por exemplo, o do sistema carcerário do país. Problemas que só se agravavam com o afastamento de Chávez.

Já na segunda matéria, a *Folha* traz uma reflexão sobre como a base governista e a oposição são “juvenis” ao tratar de assunto de Estado: diz-se que a política venezuelana está atrelada de forma fisiológica a Chávez e que isso seria maléfico.

Folha de São Paulo 04/07/2011

O jornal publicou uma matéria com o seguinte título “Blitz chavista tem foto, passeata e twitter”. Nessa reportagem, descreve-se um movimento de aliados de Chávez. Esse movimento apóia Chávez fielmente e torce, para a sua recuperação rápida.

Além disso, tenta fomentar na cabeça das pessoas a continuidade do governo e a necessidade da volta do presidente.

Os governistas tentam assim, de acordo com o jornal, criar um clima de união na pátria, o que na visão da folha não é a realidade. Segundo o jornal, a população está confusa quanto aos rumos do governo, contudo tem medo do país sem Chávez. Pois tem medo do desconhecido.

Folha de São Paulo 05/07/2011

O título é direto: “Chávez volta e é aclamado por multidão”. Depois de voltar de Cuba, em sua primeira aparição pública Chávez é ovacionado pela multidão de chavistas que se encontravam na frente do palácio Miraflores em Caracas. O jornal publica trechos do depoimento de Chávez em seu regresso, mostrando personagens que colaboraram para esse retorno. A foto escolhida pelo jornal é interessante pois evidencia um “Chávez” militar, batendo continência, frisando uma postura autoritária.

A *Folha* aponta que mesmo com o país passando por séries crises, uma parte considerável de venezuelanos torceu por essa volta. Mais pelo medo da fragilidade e do agravamento da situação do que pelo retorno puro e simples do presidente.

Folha de São Paulo 06/07/2011

O periódico traz uma matéria falando sobre a possibilidade de Chávez se tratar no Brasil. O governo brasileiro põe a disposição do líder venezuelano nosso sistema de saúde. O então presidente paraguaio Fernando Lugo se tratou de um câncer no Brasil, quase na mesma época. A *Folha* mostra como essa jogada diplomática pode favorecer o país, em suas relações com a Venezuela.

Folha de São Paulo 07/07/2011

No dia 7, a matéria trazida tem menos destaque e menor tamanho, com o título “Em 2012, Chávez não terá energia para pleito, afirma opositor”. A matéria traz o depoimento de Henrique Capellos, adversário político de Chávez. É uma matéria concisa, mas cujo foco concentra-se no depoimento de um opositor.

El Universal 30/06/2011

No primeiro dia em que foi divulgada a doença do presidente o *El Universal* publicou duas matérias em seu site. Em ambas é falado sobre seu pronunciamento à TV e sobre a divulgação de seu tumor cancerígeno. As matérias são praticamente a descrição minuciosa do pronunciamento do presidente. E tenta de forma veemente manter a população despreocupada com o estado de saúde do presidente. Eles não fazem alusão a qualquer tipo de “plano B”, ou seja, qualquer tipo de alternativa, caso o presidente tivesse que se licenciar por tempo indeterminado.

El Universal 01/07/2011

O jornal traz duas matérias sobre o tema. Essas matérias são mais voltadas para o aspecto político. E tentam fazer uma análise da Venezuela sem Chávez. O jornal se abstém de opinião e traz a opinião de especialistas puramente - tanto que as citações formam quase todo o parágrafo. Os especialistas apontam possíveis sucessores, contudo deixam claro que nenhum teria a força do presidente e nenhum partido teria força para tal sustentação.

El Universal 02/07/2011

São quatro matérias vinculadas. Em três matérias publicadas pelo jornal a intenção é clara, mostrar a luta de Chávez pela vida e o apoio incondicional dos três poderes, que "prometeram nunca lhe abandonar". Os maiores cargos dos poderes legislativo, executivo e judiciário se posicionam a favor do presidente. E o vice-presidente é firme quando diz que Chávez voltaria em breve de Cuba.

Essas três matérias têm o interesse claro de deixar a população tranqüila quanto à saúde do presidente e mostrar que há união e estabilidade entre os poderes. Na quarta matéria é mostrada a preocupação da oposição quanto à divulgação da verdadeira situação do governo. A oposição tem medo das fontes oficiais não revelarem a "saúde" das contas públicas e o andamento dos outros serviços atrelados ao Estado. Nessa matéria o jornal não opina em nenhum momento e mais uma vez baseia seu texto quase que inteiro em depoimentos.

El Universal 03/07/2011

Foram três matérias publicadas nesse dia. Na primeira há uma entrevista com o vice-presidente, Elias Jaua. Na entrevista o vice, entre outras coisas, afirma que o presidente não precisa dar detalhes de sua doença. E, além disso ele afirma que Chávez tem toda a força para continuar com a sua revolução e que apesar da distância ele continua com o mesmo poder de antes.

Na segunda matéria o jornal traz uma análise sobre a preocupação de Cuba com o estado de saúde de Chávez. O jornal afirma que a preocupação é pertinente pois a Venezuela é seu maior parceiro comercial e são milhões em negócios. A última matéria

afirma que o câncer já foi retirado por completo e que agora só era uma questão de tempo para o regresso de Chávez a Venezuela. O jornal se mostra esperançoso com o regresso rápido do presidente.

El Universal 04/07/2011

No dia 4 foram divulgadas três matérias. As duas primeiras de conteúdo muito parecido. A primeira mostra o depoimento do prefeito de Caracas, Antonio Ladezma em que ele afirma que a Venezuela não pode ser governada de uma clínica cubana. O prefeito, que também era pré-candidato à presidência, diz que Chávez deve seguir a constituição e delegar poderes. A matéria é curta e traz em grande parte apenas o depoimento de Ladezma.

A segunda matéria traz uma entrevista na íntegra com o ex parlamento peruano, Enrique Guersi. Na entrevista ele se diz preocupado com a fragilidade política em que estava a Venezuela e como a doença de Chávez estava afetando o país. A terceira matéria fala sobre a visita do presidente boliviano Evo Morales a Chávez. Morales é um antigo parceiro político de Chávez. E na matéria elogia a força do presidente e negligencia todo o “drama” feito por opositores e imprensa.

El Universal 05/07/2011

Novamente foram divulgadas três matérias. Na primeira é mostrada a preocupação da oposição com o uso excessivo da doença de Chávez com cunho político. A oposição quer que a saúde do país seja colocada em primeiro plano. Partidos e políticos da oposição, são diretos ao dizer que está havendo uma espetacularização da

doença de Chávez e temas mais importantes que dizem respeito ao país estão sendo colocados de lado.

Na segunda matéria é possível perceber uma posição mais abrasiva do jornal. Desde o título até a foto é possível notar Chávez sendo colocado de forma mais humana, como alguém que está lutando pela sua vida. A terceira matéria mostra como o presidente assistiu ao desfile de 5 de julho. Como estava em Cuba, Chávez acompanhou parte do desfile via satélite.

El Universal 06/07/2011

O jornal publicou apenas uma matéria falando do assunto. A matéria foi a mesma divulgada pela *Folha* no mesmo dia, sobre o oferecimento dos serviços brasileiros de saúde para Chávez. Diferente da cobertura feita pela *Folha*, o *El Universal* mostrou o lado mais humanizado da proposta.

El Universal 07/07/2011

No dia 7 o jornal publicou um artigo do jornalista Roberto Giusti. No artigo o jornalista elogia a postura de Chávez, que segundo ele não usou a doença para se beneficiar. Giusti afirma que Chávez soube unir ainda mais a nação e torná-la mais polarizada. Que ele se tornou um homem melhor. E mais ainda, um político melhor.

4.1 JORNAIS CONTRASTADOS: *FOLHA DE SÃO PAULO* VERSUS *EL UNIVERSAL*

Ao analisar as duas coberturas é possível observar diferenças e similaridades claras. A *Folha de São Paulo* explorou mais as questões envolvendo os rumos da política interna e mais fortemente a relação Venezuela/mundo. O jornal traz críticas

veementes contra o presidente, e ressalta que a saída de Chávez não seria algo tão ruim para o país.

O *El Universal*, um jornal com tradição de oposição ao governo, aposta em matérias de cunho interno. Como seria a Venezuela sem Chávez. As críticas são de certa forma mais veladas, pois na maioria das vezes a crítica está na boca de especialistas. O periódico usa da opinião de cientistas, professores e políticos para embasar sua postura.

Ambos os jornais fazem oposição ao governo Chávez, contudo por aspectos diferentes. A *Folha* recrimina a política internacional do presidente, já o *El Universal* critica o atraso da política local. A *Folha* é mais agressiva, o *El Universal* mais abrasivo.

É interessante observar que para um leitor desatento os jornais são meramente noticiosos, contudo trazem suas opiniões bem explicitamente, traçando assim suas políticas editoriais.

Outro fato interessante e que deve ser destacado é sobre a forma com que o *El Universal* decide tratar dos assuntos ligados ao governo chavista. Como é de conhecimento de grande parte das pessoas, Chávez nunca escondeu suas represálias a críticas, sempre usando a censura aos meios de comunicação como arma para se defender. Assim é preciso observar que as críticas feitas pelo *El Universal* devem ser sempre as mais veladas e discretas possíveis, já que, afinal, não se pode mostrar claramente a opinião do jornal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primórdios o jornalismo se reinventa, criando fórmulas e teorias. Essas podem ser observadas na hora de criar conteúdo, e fazer análise de diferentes linguagens. Ao se ter em mente que o jornalismo é uma indústria, fica mais fácil pensar o fazer jornalístico. As exigências editoriais e burocráticas se tornam claras em qualquer veículo de comunicação, e têm um peso fundamental na forma com que determinada matéria será divulgada.

Hugo Chávez é um dos políticos mais polêmicos de nossa era e sem dúvida nenhuma, um dos assuntos mais comentados quando se fala em América Latina. Seu governo é um dos mais controversos e discutidos por estudiosos e pela mídia, desde seu início em 1998.

Ao ser diagnosticado com câncer, a mídia se alvoroçou. O que seria da Venezuela sem Chávez? Ele se afastaria? A Venezuela estava preparada para ficar sem ele?

Essas e outras perguntas assolavam a imprensa mundial. Dois dos mais importantes jornais sul-americanos apresentaram posições bem parecidas sobre o assunto. O brasileiro *Folha de São Paulo* mostrou os desdobramentos de uma Venezuela sem Chávez, qual era a situação do país e como especialistas viam a possível sucessão. Já o *El Universal* optou por colocar as críticas na boca de professores, cientistas e políticos, sempre com uma postura mais emocional e abrasiva.

A posição dos jornais é clara. Ambos contestam o governo exercido por Chávez e levantam questões sobre como a Venezuela seria sem ele. Ambos tentaram induzir a uma criticidade do leitor para que questionassem a imagem de Chávez como “homem

do povo”. Mesmo na cobertura da doença de Chávez, a indisposição e a antipatia política dos veículos para com ele constituíram o foco central dos enquadramentos.

O jornalismo como espelho nunca existiu. Mas quando essa subjetividade passa a atrapalhar a informação do público, aí entramos num conflito moral e ético muito sério. Quando uma pessoa compra um jornal, ali ela espera ter o fato puro e simples. E se for opinião, ela espera que esteja enunciado no título.

Políticas e linhas editoriais estão cada vez mais claras, e o público especializado ou que tenha um conhecimento mais amplo de mundo percebe isso. Contudo se for um comerciante do interior de São Paulo sem estudo, ou um agricultor do interior da Venezuela, é claro que eles não terão o mesmo discernimento.

O recorte das coberturas dessa semana de divulgação da doença de Hugo Chávez mostra que, apesar de serem de países diferentes, os dois jornais tiveram leves distinções, mas revelaram igualmente uma profunda contaminação de suas preferências editoriais sobre seus conteúdos noticiosos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1977.

BIERHOFF, Jan; Merk Deuze and Claes de Vreese. Media innovation, Professional debate and media training: a European analysis. In: www.ejcnl/hp/ni/contents.htm

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília, Editora UNB, 2001

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristóvão: Editora

GOTT, Ricardo. *Á Sombra do libertador: Hugo Chávez e a transformação da Venezuela*. Editora Expressão Popular, 2004

GUARESCHI, Pedrinho A. *Comunicação e Poder: a presença e o papel dos meios de comunicação de massas estrangeiros na América latina*. Petrópolis, 2001.

HARNECKER, Marta. *Um homem, um povo*. Editora Expressão Popular, 2004

LACLAU, Ernesto. *Consideraciones sobre el populismo latinoamericano*. Cuadernos Del Cendes, Caracas, 2006

MORAES, Roque. *Análise de conteúdo*. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Editora Insular, 2005. Volumes I e II **67**

UCHOA, Pablo. *Venezuela: A Encruzilhada de Hugo Chávez*. São Paulo, Editora Globo, 2005 MARINGONI, Gilberto. *A Venezuela que se inventa - Poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. Editora Presença, 2001

Sites:

<http://www.folha.uol.com.br/>

<http://www.eluniversal.com/>

7. ANEXOS

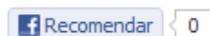
IMAGENS DAS NOTÍCIAS:As imagens aparecem na ordem pela qual são citadas no trabalho

30/06/2011 - 07h49

Ausência de Chávez põe em risco governabilidade, dizem analistas

CLAUDIA JARDIM

DA BBC BRASIL, EM CARACAS



A ausência prolongada do presidente da Venezuela, Hugo Chávez --há 20 dias em Cuba recuperando-se de uma cirurgia-- pode colocar em risco a governabilidade do país, que dá sinais de fragilidade sem o líder venezuelano no comando, acreditam especialistas.

A falta de informação sobre o real estado de saúde do presidente é um dos sinais de "vulnerabilidade" do governo, que foi pego de surpresa, na opinião de analistas políticos ouvidos pela BBC Brasil.

Desde a cirurgia do presidente para a remoção de um abscesso pélvico, nenhum boletim médico foi divulgado para explicar à população como está a saúde do presidente.

Para o sociólogo Carlos Luis Rivero, a ausência de Chávez demonstrou que o processo político venezuelano "depende e está sujeito à vulnerabilidade de uma pessoa", afirmou.

"Essa fragilidade pode afetar a governabilidade a médio e longo prazo, porque é o presidente quem põe em ordem os desajustes do governo causados pela manifestação das diferentes correntes quando cada uma puxa para o seu lado", afirmou.

Os três principais grupos que estariam em disputa pelo poder no interior do governo bolivariano são a esquerda chavista, que defende o aprofundamento do projeto socialista, o consolidado grupo militar nacionalista e o setor reformista, que defende o populismo como caminho para implementar pequenas reformas.

Chávez volta em até 6 meses, afirma vice

Ela já diz que presidente venezuelano, que está em Cuba para tratar câncer, não vai se licenciar do cargo

Comandante em Chefe
Atorizado vai à TV para
dizer que Constituição
está intacta e que o
governo Chávez segue
em vigor

Um presidente de Estado Unidos não pode ser preso e governar. Hugo Chávez não deveria ser preso e governar. Mas a Constituição da Venezuela não diz nada sobre isso. Ela diz que o presidente é o chefe do Poder Executivo e que ele é o representante do povo. Ele é o chefe do Poder Executivo e que ele é o representante do povo. Ele é o chefe do Poder Executivo e que ele é o representante do povo.



CHAVEZ VAI À TV
COMANDO EM CHEFE
O presidente venezuelano Hugo Chávez vai à televisão para dizer que a Constituição está intacta e que o governo Chávez segue em vigor. Ele também vai dizer que ele não vai se licenciar do cargo enquanto estiver em tratamento médico em Cuba.

Flu e Colúmbia deixam pronta recuperação

Doença pulmonar aguda causada por vírus da gripe e bactérias da colúmbia deixam pronta a recuperação de pacientes. Os médicos dizem que os pacientes estão em boas condições e que a recuperação é rápida.

Tumor pode ter ocorrido nas regiões intestinal ou perianal

Um tumor pode ter ocorrido nas regiões intestinal ou perianal. Os médicos dizem que o tumor é benigno e que a recuperação é rápida.

Brasil teme resultados de vácuo de poder na Venezuela

Brasil teme resultados de vácuo de poder na Venezuela. O governo brasileiro está preocupado com a situação política na Venezuela e com o impacto que isso pode ter no comércio entre os dois países.



Brasil teme resultados de vácuo de poder na Venezuela

Brasil teme resultados de vácuo de poder na Venezuela. O governo brasileiro está preocupado com a situação política na Venezuela e com o impacto que isso pode ter no comércio entre os dois países.

CHAVEZ VAI À TV COMANDO EM CHEFE O presidente venezuelano Hugo Chávez vai à televisão para dizer que a Constituição está intacta e que o governo Chávez segue em vigor. Ele também vai dizer que ele não vai se licenciar do cargo enquanto estiver em tratamento médico em Cuba.

BRASIL TEME RESULTADOS DE VÁCUO DE PODER NA VENEZUELA Brasil teme resultados de vácuo de poder na Venezuela. O governo brasileiro está preocupado com a situação política na Venezuela e com o impacto que isso pode ter no comércio entre os dois países.

Chávez volta e é aclamado por multidão

"Batalla" contra câncer "não está vencida", afirma o mandatário venezuelano, que retomou de surpresa de Cuba

Vice presidente da Venezuela anunciou sua renúncia ao cargo e afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba

uma renúncia

Em uma declaração feita em Caracas, o vice-presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, anunciou sua renúncia ao cargo e afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba. Maduro afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba.

Maduro afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba. Maduro afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba.

Maduro afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba. Maduro afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba.

Maduro afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba. Maduro afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba.

Maduro afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba. Maduro afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba.

Maduro afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba. Maduro afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba.



66 Comemoração a respeito da vitória da Venezuela em Cuba

66 Tumbado o presidente da Venezuela em Cuba

QUEM É QUEM NO CHAVISMO

Insólita homenagem feita a um pai do tratamento de câncer em Cuba

Hugo Chávez Presidente da Venezuela	Nicolás Maduro Vice-presidente da Venezuela	Rafael Ángel Calderón Presidente da Venezuela	Juan Guaidó Presidente da Venezuela	Antonio Patriota Chanceler do Brasil

Irmão governador consolida sua influência dentro do chavismo

Em uma declaração feita em Caracas, o governador de Miranda, Juan Guaidó, afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba. Guaidó afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba.

- 1 Quem é quem no chavismo
- 2 Insólita homenagem feita a um pai do tratamento de câncer em Cuba
- 3 Irmão governador consolida sua influência dentro do chavismo
- 4 Presidente chella virtualmente parado militar
- 5
- 6

Brasil oferece tratamento para Chávez

Chanceler Antonio Patriota pôs sistema de saúde brasileiro à disposição de líder venezuelano, que tem câncer

Grande de saúde, mas que tratamento no país foi oferecido para o líder venezuelano, que tem câncer

uma oferta

O chanceler brasileiro, Antonio Patriota, afirmou que o Brasil oferece tratamento para o líder venezuelano, que tem câncer. Patriota afirmou que o Brasil oferece tratamento para o líder venezuelano, que tem câncer.

Patriota afirmou que o Brasil oferece tratamento para o líder venezuelano, que tem câncer. Patriota afirmou que o Brasil oferece tratamento para o líder venezuelano, que tem câncer.

Patriota afirmou que o Brasil oferece tratamento para o líder venezuelano, que tem câncer. Patriota afirmou que o Brasil oferece tratamento para o líder venezuelano, que tem câncer.

Patriota afirmou que o Brasil oferece tratamento para o líder venezuelano, que tem câncer. Patriota afirmou que o Brasil oferece tratamento para o líder venezuelano, que tem câncer.

Patriota afirmou que o Brasil oferece tratamento para o líder venezuelano, que tem câncer. Patriota afirmou que o Brasil oferece tratamento para o líder venezuelano, que tem câncer.

Patriota afirmou que o Brasil oferece tratamento para o líder venezuelano, que tem câncer. Patriota afirmou que o Brasil oferece tratamento para o líder venezuelano, que tem câncer.



Presidente chella virtualmente parado militar

O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba. Maduro afirmou que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba e que se entregará ao tratamento de câncer em Cuba.

Presidente Maduro com o Comandante Supremo das Forças Armadas, General Néstor Cerdena



Curtir 237

Twittear 43

GOBIERNO | Agradeció muestras de apoyo

Presidente Chávez informó que fue extirpado tumor cancerígeno

El primer mandatario nacional indicó que actualmente se encuentra sometido a un estricto tratamiento médico. Fue Fidel Castro el encargado de informarle a Chávez sobre el descubrimiento del tumor cancerígeno.

EL UNIVERSAL

jueves 30 de junio de 2011 09:05 PM

Caracas.- Durante una alocución televisiva desde la isla de Cuba, el presidente de la República, Hugo Chávez, informó que tras ser sometido a varios análisis médico le fue detectado un tumor con presencia de células cancerígenas.

Contenido relacionado

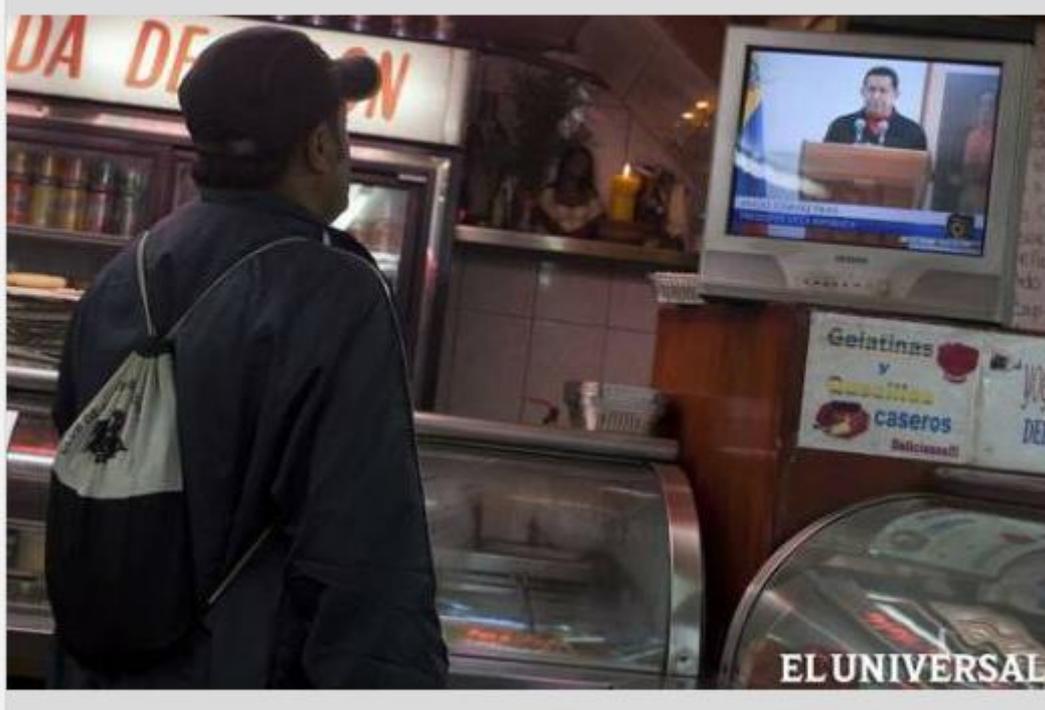
Presidente Chávez informa que le extirparon tumor con presencia de células cancerígenas

El mandatario informó que el tumor maligno le fue extirpado y en la actualidad se encuentra sometido a un estricto tratamiento médico.

Para comunicar la noticia, el presidente Chávez leyó un texto que, entre otros aspectos indica:

Hugo Chávez revela que le fue extirpado un tumor cancerígeno

El Presidente no anunció fecha de regreso a Venezuela



En todo el país se siguió, incluso en la calle, el mensaje de pocos minutos presentado por el mandatario desde Cuba AVN

Enfermedad del Presidente abre debate sobre liderazgo oficialista

Barclays destaca que su fuerte estilo bloqueó posibles alternativas

EL UNIVERSAL

viernes 1 de julio de 2011 **12:00 AM**

"La posibilidad de problemas de salud más graves ha desencadenado un debate acerca de los posibles sucesores, si Hugo Chávez no puede postularse a las elecciones presidenciales", resalta un informe de la firma Barclays Capital.

En el documento se destaca que "el fuerte estilo de liderazgo personal del presidente Chávez ha bloqueado el surgimiento de una alternativa clara en su partido. Los otros líderes, incluyendo al ministro del Interior y Justicia Tareck El Aissami, el ministro de Relaciones Exteriores, Nicolás Maduro, el vicepresidente Elías Jaua y el diputado a la Asamblea Nacional Diosdado Cabello, son mucho menos populares que los principales dirigentes de oposición".

Advierte la firma que "El Aissami y Maduro, que son los mejores posicionados, se ubican casi 20 puntos porcentuales por debajo del principal candidato de la oposición, Henrique Capriles Radonski. Mientras tanto, Adán Chávez, el hermano mayor del presidente y gobernador del estado Barinas, quien es otro posible sucesor, no parece estar entre los principales líderes del PSUV. Por lo tanto, sería difícil para ellos derrotar a los candidatos de la oposición".

Por último, advierten que "la unidad de la oposición en este escenario es la clave. Aunque un adversario debilitado merme el incentivo que tiene la oposición para permanecer unificada, parece improbable que se divida, siempre y cuando se ajuste a la agenda ya establecida para las primarias".

Binomio Jaua-Maduro llena el vacío dejado por Chávez

El vicepresidente y el canciller ejercen el control sobre el partido

PEDRO PABLO PEÑALOZA | EL UNIVERSAL

viernes 1 de julio de 2011 **12:00 AM**

"A falta del solista, toca el binomio de oro", ironiza un miembro de la dirección nacional del Partido Socialista Unido de Venezuela.

Luego, explica el comentario: "en estos momentos solo hay dos hombres fuertes en el partido, que tienen la mayor confianza del líder. Ellos son Nicolás Maduro y Elías Jaua".

La ausencia del presidente Hugo Chávez, quien permanece en Cuba recuperándose de una operación practicada el 10 de junio por un absceso pélvico, ha generado todo tipo de comentarios sobre la unidad del PSUV y las pugnas internas.

Para salirle al paso a los rumores, la primera vicepresidenta de la organización, Cilia Flores, declaró el lunes que en estos momentos "el partido está unido como nunca".

"El binomio Nicolás-Elías no tiene rival en el chavismo", afirma la fuente consultada, que descarta la división entre civiles y militares, y afirma que la dupla cuenta con el "afecto y respaldo" de la Fuerza Armada Nacional Bolivariana.

¿Y el gobernador del estado Barinas, Adán Chávez? "Ha desperdiciado oportunidades. Adán está consciente del poder del binomio y lo apoya, al igual que el titular de Relaciones Exteriores, Tarek El Aissami, el ex ministro Francisco

 Curtir 3  Twittear 34

   | compartir    +

El cáncer paraliza a Venezuela

Tendrá que luchar por el poder, por la reelección y por la vida



Poderes prometen al Presidente "no defraudarlo nunca"



Morales manifestó su agradecimiento a los médicos cubanos AVN

JUAN FRANCISCO ALONSO | EL UNIVERSAL

sábado 2 de julio de 2011 **12:00 AM**

Unidos entorno a la figura del presidente Hugo Chávez. Así se mostraron ayer los máximos representantes de los poderes Legislativo, Judicial, Ciudadano y

Jaua estima que Chávez "estará aquí antes de 180 días"

Vicepresidente descarta ausencia temporal y decreta 4 de julio festivo



El Vicepresidente de la República ofreció ayer una rueda de prensa en su despacho de Carmelitas y declaró a varios medios internacionales AVN

MARÍA LILIBETH DA CORTE | EL UNIVERSAL

sábado 2 de julio de 2011 **12:00 AM**

La Mesa exige al Gobierno "no mentir sobre la salud del país"

Emplazan a admitir que existe una falta temporal en la Presidencia



Ramón Guillermo Aveledo ofreció ayer rueda de prensa en compañía de todos los partidos que integran la alianza ENIO PERDOMO

ELVIA GÓMEZ | EL UNIVERSAL

sábado 2 de julio de 2011 12:00 AM

[Contenido relacionado](#)

"No hay ley que obligue a Chávez a dar detalles de su dolencia"

"Una situación humana no va a llevar a Chávez a claudicar sus principios revolucionarios" "El liderazgo de Chávez es determinante para la continuidad de la revolución", señaló el vicepresidente de la República.



El vicepresidente Ejecutivo Elías Jaua tiene "profunda fe" en la recuperación de Hugo Chávez y desde ya vaticina que será "el Presidente nuevamente en el 2012" (Kisaf Mendoza)

SALUD PRESIDENCIAL

Dolencias de Hugo Chávez prenden las alarmas en Cuba

Los mandatarios firmaron acuerdos por \$1.300 millones desde el 8 de junio

EL UNIVERSAL

domingo 3 de julio de 2011 **12:00 AM**

La Habana.- La salud del presidente Hugo Chávez, que es tratado desde hace tres semanas en La Habana, donde fue operado de un tumor canceroso, es una seria preocupación en Cuba, que tiene en Venezuela a su principal aliado político y sostén económico.

El mandatario venezolano, de 56 años, fue sometido a dos cirugías, una por un absceso pélvico y otra para extraer el tumor, en el hospital más especializado de Cuba, según la información oficial. Allí también fue tratado su padre político, Fidel Castro, quien "está al mando, a la orilla" y "es mi médico superior", dijo Chávez el viernes a la televisión cubana, informó AFP.

Un día antes, el presidente venezolano había revelado a su país su enfermedad desde la propia isla.

"La relación con Venezuela es la más estratégica para el gobierno de Cuba. Puede sobrevivir sin Chávez pero tal escenario complicaría la reforma, con un ambiente internacional menos favorable", dijo el analista cubano Arturo López-Levy, de la Universidad de Denver (EEUU).

Al Presidente se le extrajo por completo el tumor maligno

El canciller Maduro dijo que se ha dado información suficiente y oportuna



Este sábado se publicaron nuevas fotos del presidente venezolano caminando en La Habana REUTERS

EL UNIVERSAL

domingo 2 de julio de 2011 12:00 AM



Ledezma: Chávez no puede gobernar desde una clínica en Cuba

El alcalde mayor de Caracas exigió atender "la salud del país"

EL UNIVERSAL

lunes 4 de julio de 2011 **12:00 AM**

El alcalde metropolitano de Caracas, Antonio Ledezma (ABP), reclamó una vez más que se cumpla con la Constitución en relación a la ausencia temporal del Presidente de la República, quien convalece en Cuba.

En un acto oficial, Antonio Ledezma, también precandidato a la Presidencia, deseo a Hugo Chávez su recuperación pero exigió también "preocuparnos por la salud del país".

"Venezuela no puede ser gobernada desde un centro hospitalario de una nación extranjera. El Presidente debe encargar, como dice esta Constitución, por la temporalidad que se está viviendo, al vicepresidente de la República y que desde Venezuela garanticemos el funcionamiento de las instituciones. Y el Consejo Nacional Electoral debe dar a conocer a todos los venezolanos el calendario de elecciones a realizarse el próximo año, tal cual está recogido en la Constitución y en las leyes de la República", exigió Ledezma.

SALUD PRESIDENCIAL | ENTREVISTA ENRIQUE GHERSI, EX PARLAMENTARIO PERUANO

"La enfermedad del líder la está sufriendo Venezuela"

"Cuando el Gobierno se sostiene en una persona y se enferma, todo se paraliza por la sorpresa" "Donde no existe Estado de Derecho no se informa sobre la salud del mandatario"



Evo Morales anuncia que visitará al Presidente en Cuba

El mandatario boliviano no especificó la fecha del encuentro

EL UNIVERSAL

lunes 4 de julio de 2011 **12:00 AM**

Ciudad de México.- El presidente de Bolivia, Evo Morales, anunció que próximamente visitará a su colega de Venezuela, Hugo Chávez, en Cuba, donde éste se recupera de la cirugía que se le practicó para extirparle un tumor cancerígeno.

En una entrevista desde Buenos Aires con el diario mexicano *La Jornada*, Morales cuestionó el "escándalo y drama" que consideró hicieron algunos medios internacionales sobre el estado de salud de Chávez, de quien destacó "la valentía y fuerza" con la que comunicó a su país y al mundo su situación, reseñó DPA.

"¿Acaso porque somos presidentes no tenemos derecho a enfermarnos? Incluso estamos más expuestos, por todas las exigencias que tenemos. Nos preguntamos de qué dignidad hablan cuando un presidente antiimperialista o independiente se enferma y festejan y muestran satisfacción, sabiendo que eso es un dolor para los pueblos que los eligieron", expresó.

En la entrevista el gobernante boliviano no dio mayores detalles de las fechas en las que viajará a La Habana.

Opositores critican el "show" con la salud presidencial

PJ, MAS y Podemos exigen concentrarse en los problemas del país

EL UNIVERSAL

martes 5 de julio de 2011 **12:00 AM**

El diputado a la Asamblea Nacional, Tomás Guanipa, secretario general de Primero Justicia, hizo un llamado a la responsabilidad al Gobierno en el manejo de lo atinente a la salud del Presidente.

Saludó Guanipa el retorno de Chávez al país pero exigió "de manera contundente que no se politice la salud del Presidente de la República, que no se vuelva eso un show político. Que se convierta en una razón más para convocar al país entero y hagamos un gran acuerdo nacional para resolver los problemas de los venezolanos".

"Hubo un juego de desinformación, una campaña de intriga, para que el tema de la salud del Presidente se tornará en el centro de atención en la opinión de los venezolanos y desviar la atención de los problemas de todos los días", criticó Guanipa.

En el mismo tenor, Gustavo Mujica, miembros de la dirección nacional del MAS, planteó la renuncia del ministro de Información, Andrés Izarra, quien vulneró "el derecho constitucional de los ciudadanos a estar debidamente informados".

"Izarra se ha burlado de la opinión pública nacional al permitir que un conjunto de declaraciones de altos funcionarios del Gobierno relacionadas al tema de la salud del Presidente Hugo Chávez, todas ellas contradictorias, se hayan hecho públicas

Chávez advierte que batalla contra el cáncer no está ganada

Presidente reveló que tuvo 4 días en terapia intensiva. "No fue nada fácil", dijo



MARÍA LILIBETH DA CORTE | EL UNIVERSAL

[Contenido relacionado](#)

BICENTENARIO

Hugo Chávez recibe el parte del desfile Bicentenario vía satélite

Ante presencia virtual de Chávez, el cierre del desfile fue notificado al pueblo



Salud Presidencial

Brasil ofreció apoyo médico para tratar cáncer de Chávez

La propuesta fue realizada al canciller Nicolás Maduro, dijo diario brasileño



 Curtir 0  Wittear 4

   | compartir    

Cómo cambió Hugo Chávez

El Presidente evitó caer en lo políticamente correcto

ROBERTO GIUSTI | EL UNIVERSAL

jueves 7 de julio de 2011 **12:00 AM**

Si está enfermo no hay ninguna señal de que el mal haya dulcificado su talante, removido su dureza o modificado su espíritu pugnaz. La fecha redonda del Bicentenario habría sido pretexto perfecto para que cualquier otro mandatario insistiera, aun cuando lo hiciera por mero formulismo, en la unidad nacional, en la reconciliación y la concordia, lugares comunes a los cuales se recurre por hábito, por falta de imaginación y porque, en definitiva, por hueco que suene, es lo políticamente correcto.

Pero Chávez no cayó en el adocenamiento histórico de las frases hechas y aun cuando su talante histriónico revele un temperamento inclinado a la doblez y la astucia, hay ciertos principios ante los cuales no claudica. Uno de ellos es el objetivo de dividir a la sociedad, excluir a quienes no están con él y agredir al adversario, quien debe ser aplastado porque, en un país como él se lo imagina, no cabe sino la unanimidad y el consenso obligatorio.

Claro, un hombre afectado por el cáncer y por tanto transido por la reflexión sobre la muerte, puede y debe cambiar, sobre todo cuando dispone de un poder casi omnímodo. Y sí, efectivamente, ese sustrato pétreo que guía todas sus acciones, sufrió un levísimo toque de ductibilidad el 5 de julio. Al dirigirse al país, rodeado por sus generales en traje de gala, tocó primero el ineludible tema de la unidad nacional y sostuvo que "el cuerpo nacional" debe ser "un todo" (es decir,

